

Lygia  
Fagundes  
Telles  
Ciranda  
de Pedra

Romance

Nova edição revista pela autora

POSFÁCIO DE  
Silviano Santiago

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1954, 2009 by Lygia Fagundes Telles

Grafia atualizada segundo o Acordo  
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro  
sobre detalhe de *Tonga II*,  
de Beatriz Milhazes, 1994, acrílica sobre tela,  
160 x 160 cm. Coleção particular.

FOTO DA AUTORA

Adriana Vichi

PREPARAÇÃO

Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

REVISÃO

Valquíria Della Pozza  
Carmen S. da Costa

Os personagens e as situações desta obra  
são reais apenas no universo da ficção;  
não se referem a pessoas e fatos concretos,  
e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Telles, Lygia Fagundes  
Ciranda de Pedra : Romance / Lygia Fagundes Telles; posfácio  
de Silvano Santiago. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.  
ISBN 978-85-359-1538-9

1. Romance brasileiro I. Santiago, Silvano. II. Título

09-08658

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2009]

Todos os direitos reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# Sumário

Ciranda de Pedra 11

SOBRE LYGIA FAGUNDES TELLES E ESTE LIVRO

Posfácio — *O Avesso da Festa*, Silviano Santiago 205

Carta — Carlos Drummond de Andrade 215

Depoimento — Prof. Silveira Bueno 217

A Autora 221

## I

Virgínia subiu precipitadamente a escada e trancou-se no quarto.

— Abre, menina — ordenou Luciana do lado de fora.

Virgínia encostou-se à parede e pôs-se a roer as unhas, seguindo com o olhar uma formiguinha que subia pelo batedor da porta. “Se entrar aí nessa fresta, você morre!”, sussurrou soprando-a para o chão. “Eu te salvo, bobinha, não tenha medo”, disse em voz alta. E afastou-a com o indicador. Nesse instante fixou o olhar na unha roída até a carne. Pensou nas unhas de Otávia. E esmagou a formiga.

— Virgínia, eu não estou brincando, menina. Abre logo, anda!

— Agora não posso.

— Não pode por quê?

— Estou fazendo uma coisa — respondeu evasivamente.

Pensava em Conrado a lhe explicar que os bichos são como gente, têm alma de gente, e que matar um bichinho era o mesmo que matar uma pessoa. “Se você for má e começar a matar só por gosto, na outra vida você será bicho

também, mas um desses bichos horríveis, cobra, rato, aranha...” Deitou-se no assoalho e começou a se espojar angustiosamente, avançando de rastros até o meio do quarto.

— Ou você abre ou conto para o seu tio. É isto que você quer, é isto?

Virgínia imobilizou-se. Ser cobra machucava os cotovelos, melhor ser borboleta. Mas quem ia ser borboleta de certo era Otávia, que era linda. “E eu sou feia e ruim, ruim, ruim!”, exclamou dando murros no chão. Ergueu a cabeça num desafio:

— Pode contar tudo, tio Daniel não me manda, quem manda em mim é meu pai, ouviu? *Meu pai*.

Luciana não respondeu e Virgínia levantou-se, tomada de súbito pavor. Falara alto demais. Teria a mãe ouvido? Pôs-se a enrolar no dedo uma ponta da franja. “Não, não ouviu e se ouviu não entendeu.” Abriu a porta e assim que a empregada entrou, sondou-lhe a fisionomia. Tranquilizou-se. “Só se zanga mesmo quando eu falo naquilo.” Riu baixinho.

— Onde está a outra? — perguntou Luciana erguendo do chão uma presilha.

— Perdi.

— Então você vai de fita.

— Não, de fita, não! Meu cabelo é liso demais, fica tão feio...

— Então vai sem nada — disse Luciana com indiferença. Dirigiu-se à cômoda que tinha um tom rosa encardido e puxou a gaveta. Estava emperrada. Puxou-a com mais força.

— Dá um pontapé que ela abre logo.

— É um bom sistema esse. Assim, quando arrebentar tudo, você guarda sua roupa no chão. — Tirou da gaveta um par de meias brancas. — Quando estes móveis vieram de lá, ainda eram novos.

— Mentira — disse Virgínia em voz baixa. Falava com cuidado para que a mãe não ouvisse lá embaixo. — Bruna já me deu tudo assim mesmo. O pai deu mobília nova para ela

e então ela me deu estes. Tio Daniel disse uma vez que ia me dar uma mobília azul e não me deu nada.

— Ele tem mais em que gastar.

— É, mas ele disse que ia me dar uma mobília e não deu nada. Bruna disse que ele tem *obrigação* de dar tudo pra minha mãe e pra mim. E Bruna sabe.

— É pouco o que ele dá, não?

— Não quero saber, só sei que ele ia me dar uma mobília azul e não deu nada.

Luciana abriu o armário, tirou de dentro um vestido e afrouxou-lhe o laço da cintura. Seus movimentos não tinham a menor pressa. “Assim de costas parece branca”, concluiu Virgínia fixando o olhar enviesado nos cabelos da moça. Eram lustrosos e ligeiramente ondulados, presos na nuca por uma fivela. Na fivela estava pintada uma borboleta vermelha. Lembrou-se então da formiga e instintivamente olhou para as próprias mãos. As mãos de Conrado eram mãos de príncipe. Jamais aqueles dedos esmagariam qualquer coisa.

— Escute, Luciana, você acha mesmo que se a gente é ruim nesta vida numa outra vida a gente nasce bicho? Tenho medo de nascer cobra.

— Você *já é* cobra — disse Luciana com brandura.

— E você é mulata — retorquiu Virgínia no mesmo tom. — E gosta *dele*, por isso faz tudo para parecer branca.

— Ele quem? Ele quem? — repetiu Luciana. Tinha uma expressão zombeteira e seu tom de voz era suave. Mas havia qualquer coisa de dilacerado sob aquela suavidade.

— Ninguém, eu estava brincando.

Deixou-se vestir passivamente. Adiantara-se muito, adiantara-se demais. “Agora ela sabe que eu sei.” Cravou em Luciana o olhar aflito. A fisionomia da moça continuava impassível. “Ela finge que não se importa mas está com vontade de me esganar.” Quando sentiu no pescoço seus dedos frios abotoando-lhe a gola, teve um arrepio misturado a uma estranha sensação de gozo. Viu-se morta, com a grinalda da sua primeira comunhão. Trazidas por Frau Herta, vestidas de preto,

chegavam Bruna e Otávia debulhadas em pranto. “Nós te desprezamos tanto e agora você está morta!” Aos pés do caixão, quase desfalecido de tanto chorar, o pai lamentava-se: “Era a minha filhinha predileta, a caçula, a mais linda das três!”. Muito pálido dentro da roupa escura, Conrado apareceu com um ramo de lírios. “Ia me casar com ela quando crescesse.” Alguém se aproximou de Frau Herta. “Mas e onde está Daniel, por que não veio ao enterro?” E Frau Herta, em voz bem alta, para quem quisesse ouvir: “Ele fugiu com Luciana, fugiram os dois, a estas horas estão se divertindo juntos, rindo e cantando *era uma vez duas ninfas que moravam num bosque...*”.

Grossas lágrimas correram dos olhos de Virgínia. Como ele tivera coragem de fugir deixando-a ali, morta?! Tapou a boca para conter os soluços. E cantar a *Balada das Duas Ninfas*, justamente a balada que a mãe gostava tanto de ouvir!

— Por que está chorando?

— Me deu uma dor de ouvido...

— Quer o remédio?

— Já passou.

Luciana impeliu-a para fora.

— Venha lavar a cara.

Deixou-se levar em silêncio, baixando os olhos ao passar diante do espelho do armário. Tinha vontade de esmurrar aquela sua figura espichada, de cabelos pretos e escorridos, iguais aos da bruxa de pano que Margarida comprara na feira. Pensou nas irmãs. Podia suportar a lembrança de Bruna que era morena e grandalhona como o pai, mas Otávia com aqueles cachos quase louros caindo até os ombros e com aquelas mãos brancas, tão brancas...

Agarrou-se ao avental de Luciana.

— Luciana, eu não quero ir hoje! Hoje não!

— Não quer, como?

— Não, pelo amor de Deus, hoje eu não quero que elas me vejam. Quando a Fraulein chegar, diga que estou doente, pelo amor de Deus, deixa eu ficar com você, eu faço tudo que você quiser, me ajude!

Luciana sorriu.

— Claro que você tem que ir. São suas irmãs, tão bem-educadas, tão bonitas.

— Tenho ódio delas!

— E de Conrado? Tem ódio dele também?

Virgínia afundou os dedos no sabonete. Viu de relance, refletido no espelho do armarinho branco, o rosto de Luciana. “Ela me detesta”, pensou arqueando as sobrancelhas. Cansara-se de lutar, queria se fazer agora uma coisa pequenina, uma coisa miserável que inspirasse piedade.

— Meu cabelo é horrível, não?

— Quero ver se faço nele alguns cachos.

— Você sabe que daí não vai sair cacho nenhum, meu cabelo não se anela nem com papelote, você sabe disso.

— Acho tão bonito cachos! Deve ser bom pentear o cabelo de Otávia, passar a mão nele.

— Nem com papelote...

— E cada vez ela está mais parecida com sua mãe, vai crescer igual à sua mãe. Já Bruna saiu parecida com doutor Natércio, mas Otávia é completamente diferente de vocês duas. Tão delicada, parece porcelana.

— Você está molhando minha cabeça à toa, não sai cacho nenhum, deixe eu ir embora.

— Engraçado é que ela é meio parecida com Conrado, nem que fossem irmãos. Há de ver que acabam se casando.

Virgínia mordeu a afta que tinha na bochecha até sentir gosto de sangue na boca.

— Tio Daniel tem loucura por minha mãe. Se outra mulher gostar dele, ele faz assim na cara dessa outra, assim! — repetiu cuspidando furiosamente na pia. Um laivo de sangue escorreu entre a saliva. — Estou cuspidando sangue! Vou morrer, Luciana, vou morrer!

— Você mordeu a boca — disse Luciana colhendo com as mãos em concha a água da torneira entreaberta e fazendo-a escorrer sobre o fio sanguinolento. Virgínia acompanhava-lhe os movimentos com olhar suplicante.



— Luciana, eu vou morrer, ninguém gosta de mim, ninguém! Diga que gosta de mim, pelo amor de Deus, diga que gosta de mim!

— Não chore assim alto. Quer que sua mãe ouça?

Virgínia tapou a boca com as mãos. Soluços fundos sacudiam-lhe os ombros.

— Diga, Luciana...

— Você está se despenteando.

— Quero ficar despenteada, tenho ódio deles! — exclamou puxando os cabelos. Estendeu-se no chão. — Queria morrer...

— Você vai sujar o vestido e não tem outro.

— Ninguém gosta de mim, ninguém. Minhas irmãs não se importam comigo e minha mãe só gosta de tio Daniel... Meu pai é que gosta de mim, só ele me quer bem, ah, meu paizinho querido, me leva embora desta casa, eu quero ir com você!

Os soluços foram se espaçando até cessarem num cansaço. Estendida de bruços, com a fronte apoiada nas mãos, ela cansou de chorar e agora olhava a pequenina poça de lágrimas que se formara no ladrilho. Apertou os olhos para que as duas últimas lágrimas caíssem de uma vez. Quando as sentiu correr, abriu os olhos novamente. “Tem jeito de elefante”, admitiu ao vê-las se aderirem às outras formando uma tromba. Corrigiu a tromba com o dedo. “Assim é um passarinho voando. Agora é uma árvore...” Enjoou do brinquedo e olhou em redor. Estava sozinha. Ergueu-se, passou a toalha no rosto, alisou raivosamente os cabelos, cachos! e na ponta dos pés desceu as escadas. Ao passar pela porta do quarto azul, susteve a respiração. “A mãe dormiu.” Era tão bom quando ela dormia! Os loucos deviam dormir o tempo todo, de dia e de noite, como as bonecas que só abrem os olhos quando tiradas da caixa. Otávia tinha uma boneca assim, sempre dormindo, as pestanas tão compridas... Dirigiu-se à cozinha. Luciana preparava o chá. Apanhou uma torrada e sentou-se no banco.

— Bruna disse que se minha mãe não tivesse se separado do meu pai não estava agora assim doente. Ela acha que é castigo de Deus.

— Ora, você sabe muito bem que isso começou quando ela *ainda* morava com seu pai. E então? Se é que existe castigo, eu sei quem é que está sendo castigado.

Virgínia ficou pensativa, era como se Luciana tivesse ouvido Bruna falar. Nunca mais Daniel teria uma tarde assim, por exemplo, pensou voltando o olhar para a gravura colorida do calendário. Ali estavam dois namorados sentados debaixo de uma árvore, num piquenique com morangos e flores transbordando de um cestinho. Ela estava radiosa no seu vestido esvoaçante, os cabelos louros soltos até os ombros, o chapelão de palha atirado na relva. O moço vestia um suéter branco, calças de flanela também brancas e estava inclinado sobre a moça, como se lhe aspirasse o perfume. Era um pouco parecido com Conrado assim com seu ar de príncipe. “Mas e essa burra? Com quem ela se parece?”, perguntou a si mesma franzindo os lábios. Lambeu lentamente os dedos enlambuzados de manteiga. Um dia ainda esfregaria gordura naqueles cabelos. Podia ainda furar aqueles olhos. E então, adeus piquenique! O namorado fugiria aos pulos. Riu baixinho. Aos pulos. E de tudo só restariam a árvore, a relva e o cestinho de morangos. Ficou séria. “Castigo, não é?” Os piqueniques de Daniel teriam que ser todos dentro do quarto, com as venezianas fechadas. Nem sol, nem árvores, nem relva. E ele não encontraria nenhuma flor para oferecer, só raízes, as raízes que a doente via brotar entre os dedos.

— É, mas se não fosse ele, a estas horas minha mãe ainda estaria com meu pai e minhas irmãs, nós todos juntos.

— Fique quieta que você não sabe de nada.

— Sei, sei — murmurou sem nenhuma convicção. Encolheu os ombros. Por que não lhe contavam direito as coisas? “Ela sabe de tudo mas não diz. E mesmo que diga, vai dizer mentiras porque ama tio Daniel.”

Debruçou-se na janela que dava para o quintal. As folhas do pessegueiro estavam amareladas. Verdes, mesmo, eram os pinheirais. Teriam realmente a cor do postal? Encontrara-o na gaveta de Otávia e perguntara-lhe que casarão era

aquele no meio dos pinheiros. “Pois foi nesse sanatório que mamãe esteve internada”, dissera Otávia no seu tom indiferente. “Se quiser para você, pode levar.” Guardara então o postal dentro do bolso e assim que chegou em casa, mostrou-o à mãe. “Onde era a janelinha do seu quarto?” A enferma apontou uma janela no segundo andar. As grades de ferro eram fios de linha preta sobre a vidraça batida de sol. “Aqui. Era horrível”, gemeu ela. Mas logo em seguida, sorriu com astúcia, “Um dia o besouro caiu de costas. E besouro que cai de costas não se levanta nunca mais”.

Um pardal pousou no pessegueiro, bicou uma folha e prosseguiu seu voo. Virgínia seguiu-o com o olhar. Devia ser bom, também, nascer passarinho. Passarinho não tem essa complicação de pai e mãe assim separados. E passarinho não fica louco nunca. Franziu a testa: ou fica? Beija-flor era um que não parecia muito certo.

— Melhor ser borboleta — disse ela voltando-se para Luciana, que já saía com o chá. Seguiu-a na ponta dos pés.

O quarto estava na penumbra, impregnado de um perfume adocicado e morno. A doente estava deitada no divã. O roupão azul, frouxamente entreaberto no busto, deixava entrever o colo magro, da brancura seca do gesso. O rosto parecia tranquilo em meio à cabeleira em desordem, de um louro sem brilho.

— Você, Luciana? — perguntou, afável. Falava baixinho, como se estivesse num concerto e se dirigisse ao vizinho nesse tom de quem não quer perturbar. Pousou o olhar em Virgínia. — E quem é esta menina?

Virgínia aproximou-se. “Outra vez, meu Deus, outra vez?!”

— Sou eu, mãe.

Laura cerrou os grandes olhos mortiços. Tinha a expressão serena mas desatenta.

— Eu sou sua mãe, eu sou sua mãe — repetiu como uma criança obediente que consegue decorar a lição sem contudo entendê-la. Sorriu. — Eu estava brincando...

“Será melhor esperar”, resolveu Virgínia ajoelhando-se ao

lado do divã. Se lhe perguntassem esperar *o quê*, não saberia responder. Apenas esperava. Uma vez surpreendeu uma mariposa presa numa teia. “Fuja depressa, fuja!”, desejara sem coragem de intervir. Mas a mariposa se deixava envolver sem nenhuma resistência no viscoso tecido cinzento que a aranha ia acumulando em torno de suas asas. Assim via a mãe, enleada em fios que lhe tapavam os ouvidos, os olhos, a boca. Não adiantava dizer-lhe nada. Nem mostrar-lhe nada. Falas e pessoas batiam naquele invólucro macio e ao mesmo tempo resistente como uma carapaça, batiam e voltavam e batiam novamente num vaivém inútil. Apenas uma pessoa conseguia penetrar no emaranhado: Daniel.

— Tome seu chá, dona Laura, senão esfria — ordenou Luciana enquanto arrumava a mesa de toalete. Apanhou no chão o arminho de pó. — E coma as torradas, não quero ver sobrar nenhuma.

Laura fixou o olhar num ponto distante, como se houvesse uma pessoa sentada além de Virgínia.

— No sanatório eles serviam chá com peixes. Mas, claro, gosto não se discute.

Virgínia tocou-lhe as mãos descarnadas. “Emagreceu e está pior”, pensou com vontade de se estender no chão e nunca mais se levantar dali.

— Seu chá, mãe...

Delicadamente ela apanhou a xícara. Sorveu-a sem pressa:

— Sempre gostei de chá morno. E de peixes vermelhos.

— Mãe, ontem a dona Otília me deu dez numa composição sobre a tarde. Ouviu, mãe?

A doente pousou a xícara e durante algum tempo ficou imóvel, o olhar fixo no teto. Depois, lentamente foi voltando a cabeça. Uma expressão terna suavizou-lhe a dureza do rosto cavado. Passou a mão pelos cabelos.

— Então, filha? Está de vestido novo?

Virgínia apertou os olhos brilhantes.

— Era seu, mãe. A senhora se lembra dele? Luciana diminuiu pra mim, não ficou bonito?